

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO

Rua Barão do Rio Branco, 1811

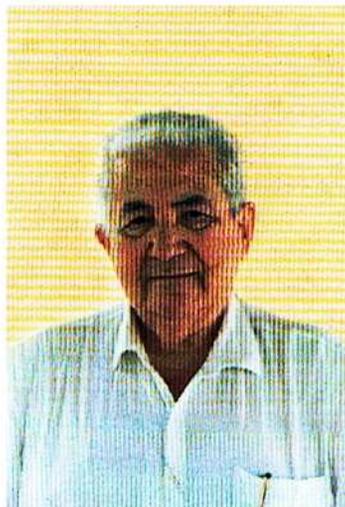
Campo Grande - MS - Brasil

Pe. Ariento Domenici

Salesiano de Dom Bosco

☆ 12.7.1921

✝ 25.12.2004



Precisamente no dia de Natal de 2004, faleceu Pe. Ariento aos oitenta e três anos de idade; destes sessenta e seis de profissão na Congregação Salesiana dos quais cinqüenta e seis de ordenação sacerdotal, cujo exercício aconteceu aqui no Brasil. Com o agravamento de sua doença - Diabete em estado incontrollável - seu organismo não mais resistiu aos tratamentos e cuidados médicos devido ao avanço da deterioração física. A cegueira do olho direito chegara já havia tempo, a diminuição da visão do olho esquerdo deixou-o, nos dois últimos anos praticamente cego. Os últimos tempos de sua vida foi uma luta para sobreviver e neste embate as dificuldades aumentaram e sua capacidade de reação enfraquecia cada vez mais configurando uma morte anunciada. Desde que fora transferido para Araçatuba em 1991, seu estado de saúde não lhe permitia qualquer atividade que concelebrar e atender uma ou outra pessoa em confissão. Viveu esses 13 anos com a dignidade de um salesiano ancião que se dedicara com muito carinho ao trabalho nas diversas casas da Inspetoria por onde passou.

De personalidade forte, sempre foi uma individualidade marcante em meio aos salesianos da inspetoria.

1 Querida Itália – sua pátria

Pe. Ariento Domenici teve como pais Sra. Giuseppina Salvetti e o Sr. Umberto Domenici. Nasceu no dia 12 de julho de 1921 em Camaione, diocese de Lucca, na província de Turim, norte da Itália. Dessa forma foi meio patrício de nosso Pai Fundador, Dom Bosco, que também nasceu neste local.

A família do Pe. Ariento Domenici residia no povoado de Camaione e antes da primeira guerra mundial seu pai dedicava-se à agricultura; era o penúltimo de dois irmãos e duas irmãs. O pai tornou-se inválido durante a guerra, faleceu antes de 1936 e a família passou para o comando da mãe. Neste período o jovem Ariento, então denominado de Paolino Ariento, ingressou no aspirantado, Collesalveti. Os documentos de seus estudos de segundo grau são de Foglizzo e os de madureza clássica de Ivrea. Admitido no noviciado, seguiu para Varazze-Savona, onde fez sua primeira profissão como religioso salesiano no dia 8 de setembro de 1937. Os estudos seminarísticos de Filosofia aconteceram em Foglizzo. Os três anos de assistência devem ter sido muito variados, pois passou por três casas diferentes: Bagnollo, no estudantado de filosofia de São Calisto em Roma e, por último em Penango (1943/1944). Sua profissão perpétua acontece em Penango, no dia 16 de agosto de 1944, dia natalício de nosso fundador, Dom Bosco. Os estudos de Teologia foram realizados no estudantado de Bolengo de 1944 a 1948.

Quase todas as etapas de sua formação na congregação aconteceram no período da segunda Grande Guerra e esteve em Roma no ano de 1942, quando a Itália já tinha sido quase toda tomada pelos aliados e somente no Norte permaneciam as tropas do eixo, ou os alemães. Como deve ter sido muito complicado e difícil a vida nas casas salesianas quando, principalmente, faltavam os transportes e os gêneros de primeira necessidade, em particular, para a alimentação. E a situação não deve ter melhorado muito nos seus quatro anos de estudos teológicos, nos anos do imediato pós-guerra; sabe-se que as inspetorias da América, e também a nossa enviavam auxílio para os salesianos da Itália, em particular para as casas de formação.

Após sua ordenação sacerdotal em Bollengo-Turim, no dia 4 de julho de 1948, sabia de sua destinação para as Missões; após alguns meses de permanência em sua terra, embarcou para o Brasil em 29 de dezembro de 1948. Chegou aqui no início do ano de 1949 e foi designado para a "Capelinha", como auxiliar do pároco da paróquia de São José.

2 Sua trajetória pela Inspetoria

Campo Grande: "Capelinha" – 1949

Certamente a primeira destinação do Pe. Ariento para a "Capelinha" foi para que pudesse, em contato com os oratorianos e com os paroquianos, aprender rapidamente o português. Deve ter iniciado bem seu trabalho apostólico, com muito empenho, mas aprender logo o português provavelmente não foi muito fácil. Mesmo depois de tantos anos de Brasil, o seu linguajar não deixava de manifestar o sotaque forte de sua língua materna, o italiano.

Campo Grande: Colégio Dom Bosco – 1950

Transferido para o Colégio Dom Bosco de Campo Grande, permaneceu entre os alunos ministrando aulas. Talvez, neste ano, o contato diuturno com os alunos tivesse possibilitado maior entrosamento com a língua portuguesa e com a cultura sul-mato-grossense.

Cuiabá: São Gonçalo – 1951

No ano seguinte foi designado como "catequista" ou coordenador da pastoral do Colégio São Gonçalo em Cuiabá. Como qualquer outro salesiano, além dessa atividade de coordenar as atividades pastorais de todos os alunos, tinha que dar muitas aulas no ginásio. Foi um ano muito intenso e marcado por imediata inserção maior na cultura cuiabana. Tanto deve ter demonstrado capacidade de liderança entre os alunos e o povo de Cuiabá que no ano seguinte, foi designado pelo inspetor, então Pe. Guido Barra, para ser o diretor da comunidade e do colégio de internos e externos de Guiratinga-MT.

Guiratinga-MT: 1952-1956

Comunidade e colégio muito diferentes dos outros dois que conhecera em Campo Grande e Cuiabá, o colégio de Guiratinga atendia somente os alunos do primário. O povo de Guiratinga entrara em uma época difícil, pois o auge da exploração de diamantes já passara e muitas pessoas não tinham outro meio de vida. Por outro lado, o trabalho pastoral na Prelazia era muito diferente e Dom José Selva tinha seu ritmo de conduzir o trabalho pastoral; neste interregno a inspetoria estava muito focalizada nas novas casas da Paulista e Noroeste: Tupã, Lucélia, Lins e Araçatuba. A atividade dos salesianos na Prelazia passava pela atividade da “Desobriga” como ponto principal das preocupações. Dessa forma tanto o colégio quanto os outros atendimentos permaneciam em segundo plano. Manter o internato era muito difícil e os salesianos viviam com o mínimo necessário em todas as suas atividades. Vivia-se com o estritamente indispensável. A situação dos alunos e salesianos mantinha-se em estado de alerta.

Durante os dois primeiros anos, Pe. Ariento teve que lutar para obter o necessário para sobreviver; no terceiro ano de seu mandato como diretor aconteceu a chegada do novo Prelado, recém ordenado, Dom Camilo Faresin. A presença deste novo bispo portador de novas idéias e de novos recursos modificou a situação e as relações entre os salesianos. A presença de Dom Camilo passou a polarizar as atenções e seus projetos ganharam primazia perante as atividades da comunidade salesiana que antes, sendo diretor e também pároco, comandava tudo na cidade a partir do Colégio. Inevitável o desconforto para o novo diretor, Pe. Ariento Domenici, que não se alinhou muito com a nova situação. A história mostrou que a presença salesiana deveria recuar e deixar a liderança das atividades para o novo Bispo. Pe. Ariento não mais quis permanecer lá, pois suas entusiasmadas atividades com o movimento dos “Marianos”, com a população jovem da pequena cidade não devem ter sido muito aceitos pelo novo Prelado. Então foi enviado para o outro extremo da inspetoria, para Lins.

Lins: Econômico – 1957-1964

Dessa forma, no início de 1955, Pe. Ariento principiou suas atividades na comunidade do colégio Dom Henrique Mourão como econômico. Nesta casa encontrou a comunidade mais expressiva da

inspetoria, da época. O Colégio de Lins – Dom Henrique Mourão – passou a ser o modelo de posturas e projetos educativos a partir de um animado internato. Para lá se dirigiam os estudantes do Brasil rural dos estados de Mato Grosso, do Paraná e de muitas partes do estado de São Paulo onde as cidadezinhas não possuíam o ginásio bem estruturado e a escola pública era muito eletiva. Jamais se pode imaginar como era eletiva a escola pública daquele tempo, talvez se compare ao status das melhores universidades para onde concorrem jovens de muitas partes do Brasil. Com uma escola pública altamente especializada, e com os filhos dos fazendeiros necessitados de um lugar para estudar, o internato era a escolha melhor que em Lins prosperou como escola eficiente e como lugar ideal para se estudar. Até os garotões do científico permaneciam no internato. Afinal a sociedade toda possibilitava essa maneira de se organizar a escola; deve-se esclarecer que não eram somente os salesianos que assim procediam. Todas as congregações de carisma educacional – Jesuítas, Maristas, Lassalistas e colégios diocesanos – tinham internatos, não somente para os meninos, mas em especial para as meninas. Assim prosperaram na capital os internatos femininos do Sion e das Carmelitas...(ver outros)

A comunidade salesiana de Lins, sob a regência do eterno diretor Pe. Mário Forgione – fazia do internato seu meio educativo mais eficaz. A sociedade linense não somente aceitou esse regime como dele se beneficiava como padrão da classe produtora e como aspiração para todos que desejavam uma boa educação.

Todo interior da Paulista e da Noroeste gravitava ao redor da produção cafeeira. Lins estava continuamente interligada à bolsa de mercadorias agrícolas de Chicago. A prodigalidade da cultura cafeeira era tamanha que obscureceu os horizontes da cidade não lhe permitindo qualquer outra perspectiva que uma eterna sociedade oligárquica nadando no dinheiro das imensas lavouras dos cafezais. Tudo parecia eterno, não haveria mudanças. As famílias tradicionais dominavam a sociedade e outras enriqueciam, havia lugar para a perpetuação daquele horizonte sócio-cultural, porque o Brasil ainda era rural. Sabe-se que tempos depois esse horizonte sócio-cultural ruiu com o fim da cultura cafeeira. A grande crise estaria por vir para mudar tudo, mas só daí a duas décadas.

Pe. Ariento aprendeu muito com esse tempo que passou no colégio Dom Henrique. Neste período soube ser um bom administrador e promotor do bem-estar dos internos, mas tudo sob a severa vigilância do diretor, Pe. Mário Forgione. Viveu entusiasmado essa época em que essa comunidade, movida pela abundância, ditava o ritmo para todos os outros colégios internos da inspetoria. Merece uma ressalva: também a inspetoria de São Paulo fora uma espécie de modelo para todos, em particular para o Pe. Mário Forgione que era proveniente de lá.

A comunidade de Lins era referência para o colégio de Tupã, de Lucélia e para o novíssimo internato de Araçatuba. Essa região toda era cultivada, lavouras de café por toda parte. Viajava-se de Lins para Tupã em uma estrada ladeada por cafezais sem fim. A cada fazenda correspondia uma “Colônia” de 50 a 120 famílias que cuidavam dos cafezais; nestas “Colônias” havia clubes, escolas primárias, igrejas, campos de futebol e muita alegria. Todos tinham trabalho e ganhavam relativamente muito bem. O café patrocinava esse bem-estar.

Esteve nesta comunidade até 1964; foram tempos em que ele se firmou como religioso capaz de animar e de promover o espírito salesiano.

Campo Grande: Ecônomo – 1965

Em 1965 estive em Campo Grande como ecônomo. Estava muito preparado pelo trabalho de ecônomo no colégio que também tinha internato e externato, mas permaneceu aí somente esse ano.

Corumbá: Pároco – 1966-1967

Subitamente foi destinado para ser o pároco da catedral de Corumbá, na época do saudoso e estimado bispo Dom Ladislau Paz. Inicia outra atividade em outra cidade muito diferente das anteriores. Corumbá neste tempo dependia do gado e da estrada de ferro NOB-Noroeste do Brasil. O comércio antigo da cidade estava em decadência extrema, somente a produção do gado alimentava a vida e a navegação. Havia a exploração do manganês, uma incipiente siderurgia e a fábrica de cimento Itaú. Não se pode esquecer do próspero Moinho de trigo que abastecia o mercado e os arredores. Uma outra realidade e uma outra experiência que vai auxiliar o Pe. Ariento em suas atividades futuras.

Lins: diretor do Colégio Dom Henrique – 1968-1973

Depois de Corumbá, já em 1968, retorna para Lins como diretor da comunidade e do Colégio Dom Henrique. Permanece aí o tempo todo do mandato, seis anos, até 1973.

Neste período, vai colocar em prática tudo que aprendera na década anterior para dinamizar o colégio, a comunidade. Usou recursos novos e muita animação para com todos. A comunidade, relativamente numerosa, nove salesianos, dedicava-se ao internato, ao externato, à paróquia e ao oratório. Para animar os internos, estabeleceu na antiga capela do internato uma espécie de sala de jogos e o maior chamariz da sala era um enorme autorama com todos os recursos mais recentes daquela época. Esse autorama e a sala de estar para os internos se converteram em um diferencial valioso para animação dos alunos e salesianos. Em outras palavras, a presença salesiana ganhava o auxílio de métodos mais modernos para animação e construção de um novo foco educativo por parte dos salesianos. Sem dúvida que o Pe. Ariento estava totalmente voltado para o bem da comunidade e dos alunos. Foram anos muito intensos e gloriosos.

A cidade de Lins ainda estava estável financeiramente devido ao cultivo do café. A devastação econômica devido à lavoura do café aconteceria depois de sua saída da direção do colégio. A partir de 1975 as mudanças foram vertiginosas e o internato não mais correspondia às exigências das famílias. A virada social era ampla e profunda.

Mas Pe. Ariento não se limitou neste período às atividades internas, trabalhou muito na promoção do movimento eclesial do "Cursilho". Em uma de suas participações no cursilho teve uma crise de glaucoma que destruiu a visão de um olho, somente mais tarde é que reconheceu o tamanho da perda.

Também esteve atento às necessidades dos jovens universitários. Alugou o antigo seminário diocesano para estabelecer o primeiro e único pensionato universitário que aconteceu na inspetoria. Essa iniciativa obteve êxito muito bom enquanto teve fôlego para levar avante a atividade. Questões econômicas levaram ao fim essa iniciativa. Também para isso contribuiu a nova idéia de cursos superiores para o Colégio Dom Henrique.

Neste sexênio, Pe. Ariento pôde mostrar a pujança de sua maturidade salesiana e de pessoa muito devotada à própria vocação. Seu entusiasmo como salesiano contaminava as pessoas e até sua maneira de ser, tão livre e não menos impositiva era um destaque em qualquer reunião ou assembléia da inspetoria. Queria estar presente e atuante, dava seu parecer com a firmeza de quem tinha experiência e muito amor à congregação. Muitas vezes, esse ímpeto tinha uma linguagem direta e curta, poderia até se comover, mas não deixava de falar aquilo que achava o melhor para a vida salesiana. Falar e discutir, expor opiniões divergentes era a sua tônica. De modo especial naquela época de grandes e profundas transformações na visão da igreja, da ação pastoral e apostólica, da maneira de se traduzir o carisma em ações e atitudes, em tudo colocava sua visão e sua experiência. Suas participações em retiros e reuniões mantiveram essa expressividade tipicamente italiana como ponto alto de sua personalidade, cuja espontaneidade não media termos ou palavras veementes na defesa de sua opinião. Sempre queria intervir e falar, para ele o importante era ter falado, ter colocado sua visão. Nesse particular muitas vezes sua grita por falar tornou-se um ponto de alegria familiar ou folclore da inspetoria.

Cuiabá: Catedral – 1974

Ao deixar o tempo mais significativo de seu directorado no Colégio de Lins, é designado pároco da catedral de Cuiabá; seu antecessor, o saudoso Pe. Firmo P. Duarte, tinha terminado a construção da nova catedral e a missão de substituí-lo não era tão simples. Havia neste trabalho que seguir a risca as determinações do arcebispo, Dom Orlando Chaves; pelo visto o impetuoso Pe. Ariento deve ter pedido para trabalhar em outro lugar no final do ano. Neste ano deu sua contribuição pastoral com muito entusiasmo.

Três Lagoas: Pároco – 1975-1981

Ao ser enviado para Três Lagoas vai ter que preparar a cidade para ser a sede da nova diocese. Para receber dignamente o novo bispo Dom Geraldo Magella, em 1979, em três lotes da quadra do Colégio Bom Jesus, de propriedade da Missão Salesiana, com auxílio dos Cursilhistas e com verbas da Alemanha construiu a atual casa do Bispo.

Mais tarde, de acordo com a Missão Salesiana que cedeu mais um lote, construiu mais um apartamento para o Vigário Geral.

Com sua forte liderança nos movimentos do Cursilho e OVISA conseguiu com que os leigos tivessem uma presença muito significativa na Igreja e na animação geral das atividades pastorais. Sob sua liderança, também, foi construído o Centro de Pastoral Diocesana. Soube animar esses movimentos e criar uma presença forte pastoralmente em todas as capelas.

Foi o primeiro Vigário Geral da Diocese. Soube coordenar as atividades pastorais para que o trabalho do primeiro bispo fosse aceito e bastante significativo.

Esteve muito consciente em seu trabalho preparativo para a passagem da cidade para sede da nova diocese. Dessa forma concretizou seu espírito salesiano de fidelidade à Igreja manifestando um grande carinho e devotamento ao seu primeiro Pastor da cidade, Dom Geraldo Magella.

Cuiabá: Diretor – 1982-1984

Após o período de seis anos como pároco em Três Lagoas recebe a obediência para ser diretor do Colégio São Gonçalo em Cuiabá. Com o entusiasmo de sempre inicia seu novo trabalho e aí permanece por um triênio. Não mede esforços para coordenar as atividades pedagógicas e pastorais. Sua presença marcante transmite ânimo e conforto para todos: professores, funcionários, alunos, pais, paroquianos e salesianos. É verdade que o entusiasmo era juvenil, mas a idade e as primeiras manifestações de suas doenças já se faziam presentes e sua saúde não mais lhe permitia um trabalho tão intenso quanto nos anos anteriores.

Lins: Ecônomo – 1985-1990

Ao final de seu triênio de diretor em Cuiabá, no São Gonçalo, retorna para Lins como ecônomo. As circunstâncias sócio culturais haviam mudado; a presença salesiana passava por uma crise perigosa; o colégio não tinha mais um número significativo de alunos; cessara o internato; a região empobrecera muito com a queda das lavouras de café. A região passava por uma transformação muito grande. Os

salesianos partiram para a atividade educativa em cursos superiores e a casa necessitava de preparação para o bom funcionamento destes cursos. Praticamente os cinco cursos superiores assumiram o lugar do ensino fundamental.

Era urgente aprender a trabalhar com competência no ensino superior. Era uma novidade para todos. Em geral os salesianos sabiam como se posicionar pedagogicamente até o curso científico e não tinham outra opção que não aprender no trabalho, ou aprender na execução do processo. Dessa forma a comunidade de Lins direcionou-se para o ensino superior como a nova etapa que a cultura e os jovens da região pediam e necessitavam para sua promoção humana e capacitação profissional.

Pe. Ariento, com o mesmo entusiasmo de sempre, entregou-se ao trabalho; auxiliou muito a comunidade neste novo campo educativo. Sempre esteve presente animando e estimulando os salesianos a se lançarem na atividade do ensino superior com a mesma confiança de tempos anteriores. Havia também o exemplo da FUCMT, ensino superior em Campo Grande. Lá os salesianos obtinham, com segurança um êxito surpreendente depois de mais de doze anos em que o incipiente ensino superior não deslanchava. O sucesso dos salesianos de Campo Grande no ensino superior foi uma referência para os salesianos de Lins. Trabalharam com simplicidade e com dedicação e prosperaram dentro das possibilidades da época. Enquanto pôde, Pe. Ariento esteve presente e, ao lado do diretor, constituía um ponto referencial da instituição.

Com o passar dos primeiros dois anos, com a saúde já abalada pelo agravamento da diabete e de outras complicações, trabalhava como podia. Assim, depois de três anos, em que ainda conseguiu trabalhar, arrastou-se nos dois seguintes e não conseguiu permanecer em Lins onde sempre teve o direito de mando; não conseguia estar lá e permanecer à margem do processo educativo e administrativo. Era muito cruel, pois a residência salesiana ficava dentro do prédio antigo, não permitindo qualquer tipo de repouso ou de afastamento, mesmo físico, da obra. Mais tarde quando o Pe. Giulio Boffi, juntamente com o Pe. Sílvio Sartori construíram a nova residência, ele já havia pedido para ir para a comunidade de Araçatuba. Dessa forma, não foi fácil sua transferência para essa nova comunidade. Praticamente estava sendo afasta-

do de suas atividades e percebia que não mais teria condições de assumir em outra comunidade qualquer responsabilidade, sua saúde não mais lhe permitia trabalhar como sempre fizera.

Araçatuba: Ancião – Cursilho 1991-2004

Ao se ver em Araçatuba, não tendo outra preocupação que o cuidado de sua saúde, tentou exercer alguma atividade pastoral. Esteve presente, ao menos nos primeiros anos, nas atividades dos cursilhistas. Podia se dedicar com simplicidade e ânimo em atendê-los e participar dos cursilhos. Porém, soube que não poderia trabalhar como desejava. Aos poucos foi reduzindo sua atividade até que o cuidado com a saúde se tornou a principal atividade. Neste particular, no cuidado com a saúde, manifestou-se o mesmo de sempre. A dieta necessária era relegada por meio de raciocínios elementares e a seu talante: “Não vou fazer regime! Já vivi muito e quero morrer de barriga cheia!” Assim se deliciava nas macarronadas e em outras comidas de seu gosto. Viveu em companhia de outro salesiano muito trabalhador de seu tempo: Pe. José Corazza. Este também alquebrado fazia-lhe companhia na antiga residência do internato de Araçatuba. Eles aguardavam o término da construção da nova residência onde atualmente estão os salesianos. Relutaram em não ir para o quarto andar do prédio do Colégio, seria muito mais saudável uma vez que se instalasse o elevador. Porém preferiram edificar a nova residência e para lá ele se transferiu no início de 1978. Ficou no quarto espaçoso que sonhara. E lá suportou toda trajetória final de sua doença; perdeu totalmente a visão e passou a depender dos cuidados diuturnos dos enfermeiros.

Em 1998, relativamente bem, celebrou seu jubileu sacerdotal. Foi uma festa muito bonita e muitos amigos do passado se fizeram presentes proporcionando-lhe momentos de muita alegria e muita comoção até às lágrimas. Foi uma celebração da gratidão a Deus pela pessoa do Pe. Ariento.

Em 2001, devido ao diabete teve de amputar o dedo mínimo do pé esquerdo e os outros três, do mesmo pé, já em estado de necrose, ainda foram recuperados; mas sua perna não mais possuía boa circulação sanguínea e mereceu muito cuidado. Em seu organismo todo foram visíveis as marcas do diabete, até que no Natal de 2004 não mais resistiu e faleceu.

3 Seus traços característicos de salesiano

Pe. Ariento Domenici foi uma pessoa singular na história da inspeção. Portador dos elementos comuns a todos os italianos, nunca deixou de mostrar a sua origem com um orgulho especial perante a vida e perante as pessoas. Suas manifestações mais simples de apreço ou de preferência aconteciam dentro das modalidades culturais dos italianos. O que recebera no berço acompanhou-o em todo o percurso da vida. Mesmo na língua, depois de mais de quarenta anos de Brasil, o sotaque italiano e palavras italianas aportuguesadas faziam parte de sua expressão e comunicação. Sua fala abundante contrastava com a cultura popular brasileira que por ser mais comedida e silenciosa servia de referência ao natural exuberante da expressividade italiana. Contribuiu também para individualizá-lo a certeza de que não escondia o que pensava. Era transparente até em demasia.

Ao lado desses componentes próprios de sua cultura de origem, na composição de sua personalidade, agregaram-se os costumes salesianos da convivência, do espírito de família e outros que alicerçaram as potencialidades culturais e o Pe. Ariento foi, na história da inspeção, um autêntico salesiano italiano. A maneira salesiana de conviver somou-se à maneira italiana numa interação de complementaridade e de fortalecimento de sua capacidade de se comunicar e de ser espontâneo em suas manifestações afetivas.

Entre as características mais significativas de sua pessoa, sobressaem algumas que serão elencadas abaixo.

3.1 Espontaneidade e abertura de coração

Pe. Ariento sempre foi muito espontâneo e como qualquer pessoa; portou-se assim na comunicação de seus afetos e sentimentos, nas correções que podiam atingir momentos veementes e na expressão de sua vontade ou pensamentos. Esse foi um traço determinante de sua personalidade e esteve presente até o fim da vida. Se alguém fosse visitá-lo e ele não quisesse conversar, sem peias dizia: “- Pode ir, está tudo bem!” e despachava a pessoa com muita simplicidade.

Mas essa característica de sua pessoa ganhava ênfase como modo de estar presente junto às pessoas e de se comprometer com elas.

Dessa forma soube também mostrar a grandeza e a bondade das pessoas que lhe estavam próximas.

Soube acolher com simpatia e afeto as pessoas que com ele trabalhavam ou que dele se aproximavam para se aconselhar ou para trabalhos pastorais; foi muito estimado por saber acolher e conferir ânimo para as pessoas que se engajavam no trabalho pastoral com ele.

Em ocasiões especiais seus sentimentos de entusiasmo ou de alegria eram contagiantes. Era capaz de cantar, de entusiasmar as pessoas para uma celebração da vida com intensidade. Seu entusiasmo e alegria eram contagiantes, bem como suas manifestações de desaprovação eram muito sinceras e imediatas. Esse era o Pe. Ariento que os leigos conheciam e que aprenderam a admirar e amar.

3.2 Entusiasta pela vida

Sua espontaneidade ganhava força unida ao entusiasmo pelo que fazia; era uma daquelas pessoas que transmitiam a impressão e convicção de que onde ele estava, ali encontrava-se o centro do mundo. Sua intensidade de vida transparecia essa certeza, de que ali, em sua pessoa e no que ele estava empenhado, totalizava-se a vida.

Sua fala barulhenta e suas afirmações definitivas indicavam a intensidade com que se colocava perante as questões ou perante as relações ou celebrações. O entusiasmo era transparente, intenso, comunicativo – italianamente comunicativo.

Seu entusiasmo transformava-se em dedicação na atividade em que se encontrava comprometido. Essa maneira de se empenhar e de se dedicar expressava sua capacidade de estar presente e de ser fiel para com as pessoas; essa era a sua entrega generosa.

3.3 Dinâmico e apostólico

Ao lado de sua espontaneidade, da intensidade e de sua capacidade comunicativa, sempre esteve presente o seu empenho pastoral, sua luta pela integração dos leigos nas diversas pastorais ou movimentos. A esse trabalho sempre se entregou sem reservas enquanto teve saúde. Assim seu trabalho pastoral ou compromisso com os movimentos, desde os tempos antigos do movimento dos “Marianos” – homens e jovens

entusiasmados e comprometidos com a Igreja - aos tempos dos Cursilhos. O movimento dos Cursilhos mereceu sua estima e dedicação onde esteve. Integrou-se ao movimento e o potenciou; os resultados foram evidentes e duradouros.

Igualmente o movimento do OVISA foi lhe muito querido. Pe. Ariento promoveu esse movimento quando era pároco e por meio dele muitos casais se mantiveram fiéis a Deus e à Igreja, tantos jovens receberam o incentivo para uma vida cristã autêntica.

Pe. Ariento não foi fundador de nenhum movimento pastoral, mas soube apreciá-los e tirar deles a melhor maneira para evangelizar, para tornar consciente a presença de Deus na vida de muitos e muitos leigos.

Em suas atividades pastorais, quer nos colégios ou em seu trabalho com pároco, sempre foi fiel às orientações da Igreja. Em épocas passadas teve que enfrentar momentos difíceis, até com o risco da prisão no tempo da ditadura, mas sempre se manteve fiel à Igreja e ao rebanho, aos fiéis.

3.4 Persistente (não abria mão) em suas iniciativas

Um outro traço característico de sua pessoa foi sua persistência em relação ao seu modo de ver e pensar a realidade ou sobre suas iniciativas. Essa perspectiva lhe deu uma capacidade imensa de perseverar na luta para conseguir os seus objetivos, mas por outro lado mostrava também seu modo ferrenho de defender seu ponto de vista. Não dava o braço a torcer facilmente. Para demovê-lo de uma atitude ou propósito não era fácil. Esse querer determinante tornou-o um persistente defensor de suas idéias e pontos de vista sobre a realidade. Não era tão fácil de ceder ante argumentos contrários; em assembléias inspetoriais seus argumentos, no mínimo tinham que ser expostos até que ele julgasse ter exposto suficientemente suas idéias. Depois não se importava muito se eram aceitas ou não, não abria mão de ao menos expô-las.

Sua persistência brilhou como perseverança e capacidade de trabalho. Quer como diretor ou animador pastoral na paróquia, não era de desistir facilmente. Isso era um fator de segurança para os leigos e

para seus auxiliares mais próximos. Nesta habilidade estava alicerçada sua capacidade de liderança.

3.5 Muito estimado pelos paroquianos

Com uma vida intensa de trabalho e devotamento a Deus e aos irmãos, granjeou muita estima, apreço e admiração. Os amigos sempre lhe foram devotados e fiéis em resposta à sua generosa dedicação e amoroso comprometimento nas atividades, na amizade e nas alegrias que soube sempre suscitar nas pessoas. Querido e estimado, de modo especial, por todos onde exerceu seu ministério sacerdotal como pároco. Apreciado como confessor, como orientador de consciência e como companheiro nas horas mais difíceis, tornou-se uma referência para a vida de muitos paroquianos, para jovens e para casais do OVISA ou dos Cursilhos.

Na inspetoria é lembrado como amigo, dedicado e entusiasta pela vida, pela história gloriosa de muitos missionários que aqui, como ele, gastaram a própria vida pelo Reino de Deus entre os jovens. Logicamente que sua espontaneidade e sinceridade forte proporcionaram fatos incorporados ao folclore da vida dos salesianos. Mas todos sabem e souberam de seu amor e dedicação à congregação, de seu apego ao espírito salesiano, a Dom Bosco e a Nossa Senhora Auxiliadora. Faz parte da maneira de como os missionários se empenharam para a edificação do Reino de Deus entre nós. Carinhosamente Pe. Ariento é tido como um salesiano autêntico, de nossa inspetoria, pois agiu e viveu conforme a nossa maneira especial de sermos salesianos; contribuiu para a consolidação de nossa peculiar identidade salesiana por intermédio dele e de tantos outros missionários que ofereceram a própria vida pelos jovens desse território tão amado do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Oeste de São Paulo.

Com a morte do Pe. Ariento a inspetoria vai encerrando uma etapa em que tantos missionários aqui atuaram e testemunharam o valor do carisma salesiano como vocação missionária e como caminho de santificação. Ele merece a nossa apreciação, nosso carinho e gratidão pelo seu empenho e por seu exemplo. De agora em diante que ele interceda por nós, por todos os salesianos jovens que devem levar avanti a obra que ele e tantos outros missionários iniciaram.

4 Testemunhos

O primeiro testemunho sobre a pessoa e sua atuação salesiana que queremos deixar registrada aqui é o carinho de um seu ex-aluno de Lins que hoje é um escritor célebre por suas publicações literárias e por ser autor de Novelas da Rede Globo. Trata-se de MÁRIO PRATA, que na década de setenta escreveu a novela “ESTÚPIDO CUPIDO”, onde retratou sua experiência de aluno no tempo em que conviveu com o Pe. Ariento no colégio de Lins e ao mesmo tempo em que mostrou os costumes da época, de modo especial as relações de interesse e namoros desse tempo entre os alunos do Dom Henrique - onde somente estudavam rapazes - e as meninas que estudavam com as Irmãs Salesianas no Auxiliadora.

Devido ao empenho de sua atual Novela Global - “BANG BANG!” - não pôde escrever um longo testemunho sobre a atuação pedagógica e amiga do Pe. Ariento animadíssimo com quem ele conviveu. Porém deixou nesta atual Novela as Irmãs Salesianas que residem no Colégio que aparece no enredo da Novela, e como homenagem sincera colocou nesta novela o inigualável e turbulento bispo: D. ARIENTO. Agradecemos ao escritor MÁRIO PRATA o registro da presença do Pe. Ariento Domenici deixando-o vivo com muita alegria para o Brasil inteiro. É uma lembrança muito carinhosa.

O segundo testemunho veio do Professor Benjamim Pádua que com ele conviveu e agora deixou seu testemunho:

Pe. Ariento Domenici

Diante do honroso convite de Pe. Pedro, Diretor da Comunidade Salesiana de Araçatuba-SP não posso deixar de dar o atestado de admiração profunda que eu, minha esposa e amigos conservamos tendo diante dos olhos o perfil do Salesiano de coração transbordante que foi o Pe. Ariento. Declino, porém da honra e ônus de escrever o resumo de sua biografia, mais conhecida na missão Salesiana de Mato Grosso e que brotará fluente da pena de seu competente Inspetor.

Pe. Ariento foi um salesiano de coração “BOM”. Todos somos chamados de bons, especialmente depois de falecidos. Há pessoas, porém que se destacam por qualidades que iluminam esta bondade

tornando-a palpitante e incontestável de um lado e misteriosa e difícil de descrever de outro. Assim, dos sucessores de Dom Bosco, "o coração bom de Pe. Felipe Rinaldi", escondido atrás de imensa aparente simplicidade, hoje declarado bem aventurado pela Santa Igreja, por sua heróica santidade. Assim "O BOM CORAÇÃO" do PAPA JOÃO XXIII que atrás de feições de **bonomia** guardava o ardoroso impulso pastoral que revolucionaria, em pouco anos de Pontificado, os rumos do reino de Deus em direção dos desejos do Bom Pastor desejando sua igreja Mãe e Mestra, humilde, mas forte de toda humanidade.

Assim, para concentrar num nome que me fez amar Dom Bosco e a Virgem Auxiliadora quando eu ainda era criança, Pe. Ernesto Carletti, Inspetor Salesiano em 1941, temperamento sanguíneo, emotivo, o qual nunca falou bem o português, mas quando nos falava em italiano enchia a todos de força, espírito e vontade de amor a Deus como poucos sabiam fazer. Mais rápido em perdoar que em repreender. E como sabia repreender, mas como reconquistava a amizade de seus Salesianos pelo mistério do carinho a transbordar de seu coração que parecia arrependido de ter tido a obrigação de ter sido, às vezes sinceramente duro.

Assim Pe. Ariento que chega ao Brasil sem saber falar português e imediatamente como outros tantos missionários, cuja lista de nomes seria imensa citar, torna-se brasileiro de coração sem precisar renunciar ao amor a sua Pátria. Sente a amizade com que é recebido por salesianos e paroquianos e esta amizade torna-se para ele algo muito sério que exige reconhecimento duradouro: cortesia tem que ser correspondida obrigatoriamente com cortesia, preocupação com seu bem estar, faz com que peça a seu superior imediato, o pároco da "Capelinha" São José, que compre cama e colchão para a família que se esforça para ensinar-lhe o básico da língua portuguesa, para que não falte o necessário para aqueles que não medem sacrifícios para que também não falte nada para os Salesianos de então. Assim o 1º ano de sua vida Sacerdotal, em 1949, em Campo Grande é marcado por este crescimento humano em que amar e ser amado vão se transformar na energia apostólica que marcará seus próximos 56 anos de sacerdócios vividos todos para o Brasil.

Em 1950 Pe. Ariento já é professor no Colégio Dom Bosco e torna-se notório seu entrosamento com seus educandos, torcendo ruidosamente por suas vitórias esportivas, envolvendo-se em seus

problemas juvenis tentando fazê-los crescer como cristãos dentro de um ambiente de amizade e alegria.

Vou reencontrar este entusiasmo só depois de voltar ordenado sacerdote da Itália no Colégio de Lins: eu Pe. catequista e Pe. Ariento acompanhando seu grande amigo Pe. Felix Zavataro, nomeado Diretor do Colégio Dom Henrique, em 1957.

Ajudou-me muito no apostolado das famosas "Companhias", hoje substituídas por grupos de jovens. Chegamos a realizar façanha inédita ao convocar, nas férias de julho, 50 alunos normalmente cansados de ser internos, para voltar das cidades vizinhas em que moravam para um dia de espiritualidade. Alguns salesianos apostaram que não viria ninguém. No dia marcado quase todos chegaram ao colégio, voltando no dia seguinte para suas casas para completar suas férias após aquele dia de confissões, Santa Missa, reuniões com debates e entrosamento com os salesianos.

Como bom incentivador e torcedor esportivo de seus alunos, conseguiu acompanhar o time de basquete do Colégio a ser um dos campeões dos jogos noroestinos. Íamos a campo, gritávamos com o juiz quando achávamos que estava roubando contra nosso time e depois tudo acabava em festa e da amizade surgia o ambiente para a palavra oportuna da formação salesiana.

Em 1959 Pe. Ariento completava 10 anos de Brasil sem ter voltado à Itália para ver seus familiares. Naquele tempo de regras mais severas era o prazo normal dos missionários que quisessem rever sua Pátria e seus pais se ainda estivessem vivos. Pe. Ariento estava então definitivamente naturalizado em seu coração como brasileiro mantendo ferozmente sua dupla cidadania ítalo-brasileira. Seu interesse pela comunidade brasileira, em particular campo-grandense, tornou-o notável no ano de 1965 quando voltei a conviver com ele no Colégio Dom Bosco.

Tempos difíceis da Revolução militar, Pe. Félix Zavataro, na direção do Jornal do Comércio, editava todos os dias (por muito tempo) "Crônicas da Cidade" escritas por Pe. Ariento Domenici. Era o início da primavera, uma criança pedindo esmola na rua, um acontecimento de solidariedade humana ou qualquer fato menos comum e da caneta inspirada do Pe. Ariento fluíam reflexões que encantavam a população de Campo Grande. Muitos compravam o jornal por causa de suas crô-

nicas. E nelas irradiavam as mensagens de paz, de amor, de amizade que deviam unir os cidadãos naqueles tempos bastante delicados.

Em 1965, com Pe. Pedro Alves Ferreira, discutimos o que poderíamos fazer para continuar a dialogar com os ex-alunos Salesianos. Pe. Ariento não deixou de estudar, apoiar a idéia e fizemos o que alguns chamaram de loucura na época: comprar uma pequena chácara considerada “tão longe” do colégio para ser a futura sede da associação dos ex-alunos salesianos em Campo Grande. A finalidade depois foi substituída, mas a pequena chácara depois aumentada por novas compras, tornou-se o atual Centro esportivo, local de acontecimentos e promoções importantes do Colégio Dom Bosco.

Nossa amizade tornou-se forte porque, como disse anteriormente, um ato de atenção fraterna tornava Pe. Ariento prisioneiro de uma **imorredoura** necessidade de correspondência igualmente fraterna. Poucos anos antes, eu era diretor de Lucélia e Pe. Ariento ainda trabalhava em Lins. Um dia peguei um carro e fui a Lins só para bater um “papo” com ele, sobre um assunto que achava importante. A conversa resultou muito útil para seu apostolado e ele nunca mais esqueceu! E assim mesmo, separando-nos para sempre, por caminhos diferentes, nunca mais eu e minha família deixamos de comunicar-nos com ele, fato que foi notado pelos Salesianos especialmente pelos irmãos de Araçatuba onde o acompanhamos nas festas de suas bodas de ouro sacerdotais e com visitas anuais ininterruptas por ocasião de seus aniversários no dia 12 de julho, até o último mês de 2004.

Espero que este testemunho sirva para completar o perfil deste Salesiano que não falhou em sua vida em seguir o caminho indicado por Dom Bosco a todos os seus filhos: **“Nós viemos ao mundo para fazer o bem aos outros.”**

Esses dois testemunhos mostram o alcance da ação e da presença deste nosso estimado irmão que deixou aqui nas casas da nossa inspetoria a força de sua vida e de seu entusiasmo. Rogamos a Deus que o receba como digno filho de Dom Bosco, pelas mãos de nossa Mãe querida Maria Auxiliadora.

Dados para o necrológio

Pe. Ariento Domenici - SDB

☆ Camaioire (MA)-IT: 12.7.1921

† Araçatuba-SP: 25.12.2004

Aos 83 anos de idade

56 anos de sacerdócio

66 anos de profissão religiosa.